



ADAGIÁRIO GAÚCHO

Victor Russomano

(Continuação)

Primeiro os encargos, depois os amargos.

Amargo — mate amargo, sem açúcar, chimarrão. — Exprime-se o conceito popular de primeiro a obrigação e depois a devoção. Antes de tudo o dever.

Andam como vira-bosta sem ninho.

São os que andam às tontas, sem casa, sem família.

Esse frango tem pua braba.

Diz-se do indivíduo que, apesar de novo, é corajoso e agressivo na luta.

Vai largando os alforjes pela garupa.

Aplica-se a quem vai perdendo o que traz consigo, que vai sendo derrotado.

Andam berrando nos alambrados com guacherio.

Alambrados — campo alambrado, que está fechado por cerca de arame, mas abrange esse vocábulo de origem castelhana (alambra) também cercas de pedras. — Guacherio-de gaúcho. Já explicado. — Diz-se dos que vivem chorando e se lamentando, como cria sem proteção.

Peito de égua, anca de vaca.

Diz-se do animal que não presta e, portanto, do homem efeminado.

Tinha mais voltas que o Ibicuí.

É aplicado ao indivíduo hábil, tortuoso, cheio de “voltas”. — Há, conforme as regiões do Estado, variantes desse tema, mudando o nome do rio. Assim, na nossa zona litoral do sul, se fala das voltas do rio Camaquã.

Tocar o violão sem a prima.

É o fato de alguém, muito hábil ou decidido, não precisar de certo objeto ou auxílio, indispensável aos outros, para executar certo ato.

Quebrou-se o prato da açorda.

É como quem diz: entornou-se a sopa. Começou a luta.

O primeiro mate nunca presta.

As cousas novas preferem-se as mais usadas. É a força do hábito.

Entrar cantando de galo e sair cantando de galinha.

É uma variante do “entrada de leão e saída de sendeiro”. Quer referir-se a quem, entrando na luta, com ares valentes, sai dela derrotado.

Galo capão é que sai cantando de galinha.

Capão — castrado. É a resposta ao anterior, em que o indivíduo, atingido

pelo primeiro, afirma que o galo que sai cantando de galinha, é o que perdeu a virilidade, mas, que isso, portanto, não é como êle, gaúcho, que se julga homem ainda.

Galo de sangue no ôlho e na crista não dá com o bico no chão.

Registra a "sabedoria popular" um fenômeno que, desde o século dezoito, Berthold observaria: a notável experiência da ação, sobre o sangue, dos testículos do galo e, daí, sobre os caracteres sexuais secundários, dos quais a crista é, nessa ave, um dos mais importantes. É uma variante dos anteriores e, com êle, se exibem as qualidades do homem valente.

Galo de esporão não cacareja na pista.

Outra variante de mesmo sentido dos anteriores.

Abelhas do enxame do mesmo camoatim.

Camoatim — aqui é usado no sentido que lhe dá Callage, o de abelheira de maribondos que fabricam mel saborosíssimo — lexiguana. Não fornece cêra. — Diz-se dos indivíduos da mesma laia ou qualidade.

É índio que peneira nos bastos.

Peneirar-se — sacudir-se todo. — Bastos — as partes acolchoadas e paralelas do lombilho que assentam no lombo. Emprega-se peneirar-se quando o potro está sendo domado e sai cabriolando, aos saltos, pinotes. Aplica-se ao sujeito que se irrita contra alguém e reage.

O laço sempre le alcança.

Nunca falta experiência, se se refere à ação de alguém. Mas também ao de significar que, por mais que se esquive alguém, o seu dia há de chegar, na certa.

Sempre le sobra rodilha.

Variante do anterior. É o sujeito a quem sempre sobram razões ou palavras.

O pingo dá pra tudo.

Pingo — Cavallo fogoso, bom, vistoso. — É quando, como um animal dotado dessas qualidades, se quer referir a um homem capaz, isto é, para o que der ou vier.

Afroxa o fogote na primeira palanqueada.

Palanquear — de palanque. Ato de atar ao pau o animal bravo. — Do sujeito que, ao primeiro encontro, se deixa vencer, dominar, não reagindo.

Tirar camoati, sem poncho, em dia de frio.

Camoatim — já explicado.

Poncho — idem. Diz-se de quem se atreve a uma empresa sem tomar as necessárias cautelas.

Mais macio do que couro de Tapichu.

Tapichu — terneiro encontrado ainda no útero da vaca, ao ser abatida esta. Esta palavra é empregada na fronteira e no Prata. — Lembra o "ficar macio que nem veludo", com o qual nos referimos a quem preferiu acalmar-se a se irritar.

Ninguém é rês que se renda.

Aplica-se ao sujeito que não se deixa submeter, nem corromper.

Dar o tempêro ao guisado.

Fala-se assim de quem tem ou sabe dirigir ou compor as cousas.

Não sirvo pra retalhado.

Retalhado — já explicado. É confissão de quem repele uma referência desabonatória, dizendo-se capaz de ação viril.

Dia de "culo" foi aquêle.

Culo — frase terminal do jôgo de osso, que corresponde a perder a jogada. É o dia de má sorte, de azar.

Olhar pra pêlo e não pra marca.

Não é pelo título ou brasão que vale o homem. É pela raça e pelas qualidades individuais orgânicas.

Tropilha cercando égua-madrinha.

Tropilha — já registrado. Égua-madrinha — idem. — Quando um grupo de pessoas não abandona o chefe ou o amigo.

Ainda está muito terneiro para bater aspa.

Terneiro — bezerro, vitelo. — Aspa — chifre, ponta, guampa, quando ainda no animal. — Quando o indivíduo é ainda novo de mais e quer se expor às lutas.

No meio de tanto potro há de encontrar parceiro.

Entre homens, sempre alguém encontra companheiro.

Terneiro de campo pobre não tem quartos nem papadas.

Terneiro — já registrado. — Quartos — parte dos encontros da rês. — É fácil compreender o sentido.

Cobra é bicho traiçoeiro.

Diz respeito ao indivíduo traiçoeiro.

Quem tem doce pra dar fica logo popular.

São os falsos amigos que só cortejam a distribuidor de favores, ou são os chefes que só são populares, enquanto têm consigo o cofre das graças.

Preguiçoso e velhaco como vira-bosta.

Registra os defeitos dêsse pássaro, que costuma se apoderar do ninho dos outros.

Guarachaim é bicho disfarçado.

Esse animal, a que já tivemos ocasião de nos referir, é o símbolo da esperte-

za. Quando se vê perseguido ou prêso, deita-se fingindo de morto. Assim o homem astuto.

Novilho matreiro que se esconde no banhado.

Banhado — pântano, brejo, terreno alagadiço com atoleiros. — É referência ao indivíduo que se refugia em lugar seguro e difícil de ser atingido.

Quando não se tem canca faz-se pelota de couro.

Pelota — espécie de embarcação ligeira, feita com um couro arranjado de tal maneira que apresenta uma concavidade onde se mete o passageiro com a sua roupa e arreios. Só serve para passar arroios. Usada em todo o Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Devido a êsse uso, em larga escala, num arroio tributário do São Gonçalo, entre as lagoas dos Patos e Mirim, chamou-se "Pelotas" à região onde se encontra a cidade do mesmo nome, que é a nossa terra natal. É uma variante do "quem não tem cão caça com gatos", no qual se evidencia a fôrça da necessidade.

Não se fie no tambeiro mansinho.

Tambeiro — já registrado. Tais animais são pela aparência os mais inofensivos, mas lá vem o movimento que se mostram como são. Devemos ter cuidado com os indivíduos, aparentemente, dóceis.

A vida de lagarto é a inclinação do índio.

Aplica-se à vida indolente e livre dos vadios.

Peão velho não manda; só manda o capataz.

Peão — já registrado. — Capataz — administrador da estância ou charqueada que tem às suas ordens todo o pessoal. — Refere-se à obediência que se deve aos chefes e não aos subalternos.

Fedelho não me dá tombo.

Não se deve rezear o homem de pouca valia física.

Gosta como peru de cupim.

Cupim — espécie de formiga, cujas habitações têm êsse nome. — Trata-se de alguém que mostra grande desejo por alguma cousa.

Foi entrando como carancho num pau duro.

Carancho — já explicado. — A pessoa que se intromete, com dificuldade, no espírito ou negócio de outra.

Todos vivem neste mundo, mas poucos sabem viver.

Também é de fácil compreensão êsse pensamento filosófico.

Sempre há um pescoceiro na tropilha.

Pescoceiro — o cavalo que, constantemente, mexe com o pescoço. Tropilha — já registrado. — Sempre há, em qualquer grupo de homens ou família, um que sai fora da linha de conduta seguida pelos demais.

A culpa é da peonada, porque o patrão não pode errar.

Peonada — conjunto de peões de uma estância, de um armazém, de uma empreitada de obras, etc. — Aos mais fracos cabem tôdas as responsabilidades dos erros. — É como que variante do erudito "magister dixit", ou, por outras palavras, "a corda rebenta pelo lado mais fraco".

Os lobos puxam o laço, o esperto fica na presilha.

Laço — já registrado. — Presilha — uma das extremidades do laço, que se prende ao chinchador ou se conserva na mão esquerda, quando se está lançando de pé, o que exige grande esforço. — Aplica-se ao que fica sempre na par-

te melhor, explorando a situação em seu proveito, com o esforço dos outros.

A regra é — cabresto curto.

Cabresto — já registrado. — Não se deve, em certos casos, dar muita liberdade aos seus subalternos.

Cada qual tem a sua pereva.

Pereva ou pereba — ferida de mau caráter e com crosta muito dura, que sai geralmente no lombo dos animais e que ataca também pessoas do campo. — É que todos têm as suas falhas, o seu "calcanhar de Aquiles".

Saber meter o porco na ceva.

Fala-se do jeito com que se deve conduzir certa cousa, para não ver falhar o resultado desejado.

Quem ordenha bebe o apôjo.

Apôjo — o leite mais denso e gorduroso que se obtém no fim da ordenha, após ter mamado o bezerro. — Quem trabalha deve tirar, para si, o melhor bocado.

Uma "galinha" deu pra guapetão.

Galinha — nome pejorativo dado ao cobarde. — Guapetão — aumentativo de guapo, valentão, fanfarrão. — Diz-se de quem, até então, submisso ou fraco, se faz, de um dia para outro, valente.

Boi manso que novilho atropela.

Esse boi, atropelado, muge, escarceia, mas se aquieta, em seguida. Assim o homem que finge bravura, mas logo se acalma e amansa.

Homem é bicho que se doma como os outros.

Para o gaúcho, o homem é como os bichos com que êle lida. Não há porque distingui-los.

Quando vê a ração no côcho, faz que não sente o rabicho.

Côcho — recipiente de madeira ou pedra, de forma oblonga, em que se põem alimentos para os animais. — Diante das vantagens auferidas, o homem finge esquecer a submissão que está sofrendo.

Figura de palha para espantar passarinho.

Diz-se de quem tem um préstimo relativo, na vida, e pensa valer muito.

Pau de espinho que nem serve pra cangalha.

Outra expressão pejorativa, acêrca da imprestabilidade de certos sujeitos.

Não te coces em pau de espinho.

Conselho ao sujeito que pensa não encontrar reação, ao investir contra alguém.

A quem tem poder na mão, nunca lhe falta a matilha.

Aos poderosos do dia, sobejam admiradores e auxiliares.

Atar bagual com cabrestinho d'imbira.

Diz-se de quem consegue, por meios ardilosos, prender o mais forte, mas também exprime a pretensão de se querer inutilizar ou desmoralizar a quem se julga forte, com processos banais.

Tudo o que volteia no ar tem seu dia de aquietar-se.

É a inexorável certeza do dia da queda ou da morte a que estamos sujeitos todos na vida.

Quem nasce pra ser mandado, já nasce com marca na picanha.

Picanha — já registrado. — No lugar referido, se gravam essas marcas nas potrancas, quando não são destinadas a servir de éguas-madrinhas ou montaria,

casos nos quais a marcação se faz na perna esquerda. — Ao nascer, já traz o homem a sua sina...

Não dança a meia-canha sem que outro toque viola.

Meia-canha — variedade da dança do fandango, hoje em desuso. No Paraguai, há uma dança com o nome de media-cana. — É referente ao indivíduo que não pode, por si só, pretender realizar certa cousa ou prover as suas necessidades.

Gaúcho de fardo pra amanunçar noviço.

Amanunçar ou amanonçar — deixar bem manso um cavalo sem que tenha sido montado. — O indivíduo conhecedor da vida, pode obter, com meios serenos, a submissão do mais novo e menos sabido...

O homem de olhos limpos é guapo e mão aberta.

É o reconhecimento de que os olhos refletem, com sinceridade, o caráter individual. Aqui se exaltam as qualidades da bravura e franqueza.

Gaúcho despilchado que só tem de seu as chilcas.

Despilchado — pessoa pobre que não possui objetos de valor, como jóias, adornos. — Chilcas ou chircas — erva braba que se desenvolve em campo de má qualidade. — Quer significar o adágio a extrema pobreza do gaúcho...

Ninguém de fora bebe água de suas cacimbas.

Diz-se do estancieiro sovina, avarento, descaridoso, que nem água dá.

Lombo de índio não é costilhar de cachorro.

Costilhar ou costelhar — derivado do castelhano. Carne que se tira (para o assado) de uma das costelas do boi. — É a queixa de quem, embora subal-

terno, não se sujeita a uma imposição física, por não se considerar inferior, como ser humano, a qualquer outro.

A sombra dos seus umbus só obriga cachorros.

Umbu — é árvore de grande vulto, muito copada, cujas raízes, às vezes aflorando à superfície do chão, se distanciam quadras do lugar onde se ergue o tronco. Em quase tôdas as estâncias do Sul, à frente dos estabelecimentos, há sempre alguns pés de umbus. Nasce, também, isolada, sôbre as coxilhas. À sua “sombra cariciosa como a das figueiras bravas se acolhem os campeiros e viandantes”. — Não se deve confundir a nossa com a do Norte. É a “árvore tradicional do Rio Grande”; é um verdadeiro símbolo, motivo de inspiração nas poesias, romances, contos e discursos. — Refere-se ao estancieiro que nega a sombra da hospitalidade ao viandante. Os seus umbus abrigam, apenas, cães. Os homens são afastados daquele sítio.

É como matungo de índio carpetero, que pasta mesmo de freio.

Matungo — já explicado. — Carpetero — jogador, vem de carpeta, vocábulo castelhano, que significa pano de mesa. — É aplicável ao sujeito ladino que se habitua a tudo e faz impossíveis.

A necessidade ensina a lebre a correr; a dor ensina a gritar.

É de fácil aplicação.

O parreheiro não corre porque abombachou no banhado.

Banhado — já explicado. — Parreheiro — idem. — Abombachado — o mesmo que aguachado, isto é, tornar-se o animal pesado, gordo, barrigudo. — Aplica-se ao indivíduo que falhou no que dêle se esperava, por ter sofrido algo de contrário.

Se veres um fanfarrão, intimando a guapetão, dez pistolas e um facão, não faças caso, é mancarrão.

Guapetão — já explicado: aumentativo de guapo. — Mancarrão — velho, sem valor (cavalo). É fácil a aplicação do conceito.

Guacho perdoo, mas não esquece.

Com certa elegância, o guacho quer exprimir o seu sentimento de valor, de amor-próprio, pelo qual pode não se vingar de quem, um dia, o ofendeu; mas a memória lhe falará sempre da ofensa.

Taiho de palmo e meio é vacina.

Vimo-lo, pela primeira vez, citado, num jornal de Pôrto Alegre, a propósito de um vivo comentário, no qual o autor dizia que, mais facilmente, o gaúcho absolveria o réu de crime de morte do que o réu de crime contra a propriedade. Para êle, a lesão corporal é de pouca importância. — Em todo o caso, poder-se-ia ainda interpretar-lhe o sentido, como mostra de valentia e de fanfarronada.

Pão comprado não enche barriga.

A propósito, encontramos, em um jornal “A Opinião Pública”, de Pelotas, nossa cidade natal, o seguinte comentário, da lavra do senhor Joaquim Mendes de Matos, em que nos dá notícia da importância do trigo na alimentação do gaúcho: — “É a frase comum entre os nossos lavradores, referindo-se ao pão do trigo colhido nas suas lavouras. Verdaderamente o nosso trigo é muito rico em substâncias nutritivas, superior aos trigos e farinhas estrangeiras. E por isso o adágio em questão. Tôdas as crianças camponesas que se alimentam de pão de farinha dos nossos trigos, criam-se fortes, robustas, enérgicas e resolutas, o que é muito comum entre a nossa gente. Os gaúchos da época farroupilha, do ano

de 1835, foram criados com fartas fatias de pão do nosso trigo e mais uma guampa de leite das sadias vacas criou-las. Era a sua primeira refeição da manhã. O café era desconhecido por muita gente. As mulheres usavam mate com leite e pão com manteiga ou queijo, e os homens farto churrasco, pão ou farinha de mandioca e logo o conhecido mate amargo. Com êstes costumes, teve o Rio Grande do Sul uma raça de heróis, que resistiu, quase dez anos, ao governo imperial com suas 20 províncias. E fizeram uma paz honrosa com os imperiais, e ainda foi necessário um apêlo do inolvidável Duque de Caxias, para deporem as armas.

Não há dúvida que o nosso trigo cooperou para a formação dessa raça de valentes, que, peleando, tantos anos, com um pelego nas costas e outro feito tanga, de lança em punho, cruzando as nossas coxilhas, enfrentava o temporal do pampeiro que lhe fustigava a frente." (Joaquim Mendes de Matos).

**Si num catá as lândia num adianta nada
matá us pioio.**

O mesmo autor do comentário citado, num jornal de Pôrto Alegre, lembra êste, no qual se aconselha de, para resolver alguma cousa, se ir ao fundo dela. O mal corta-se pela raiz.

**Quem anda em brigas cabresto curto, não
tropica de má volta, não se deixa tomar
por embiras de amôres.**

Cabresto — já explicado. — Tropicar — esbarrar, tropeçar, ir de encontro a alguém na estrada. Aconselha-se a ter cuidado com quem abusa da fôrça; pois, ser destemido, guapo e não se deixar prender por qualquer futilidade.

As moças bonitas deixam o amargo doce.

Amargo — chimarrão. — Elogia a mulher que ameniza as agonias da existência.

O que é lindo ameniza a própria dor.

Lindo, aqui, deve ter uma acepção moral, isto é, de bondade, para balsamizar o sofrimento humano.

Homem direito tem um pêlo só.

O homem de bem só tem uma palavra e uma atitude firmes.

Cavalo bom e homem valente só se conhecem na chegada.

Diz-se do homem que tem fumaças de valentão, que só se conhece no momento decisivo, como o cavalo de corrida.

Ainda pealo de colhera um tourito chucro.

Chucro — já registrado. — Pealo de colhera — é uma modalidade do pealo. No de colhera, enlaça-se o animal pelas mãos (patas dianteiras) com a armada pequena do laço. Nessa espécie não se costuma rebolar o laço, isto é, dar-lhe rotação em tórno da cabeça. É a confissão de quem ainda se sente com fôrça para certas ações.

Homem é bicho que se doma.

Não há homem valente que não se submeta a alguém, mais cedo ou mais tarde. A educação tem, além disso, uma grande fôrça repressora.

Hai por êste mundo muita bichera, muita peste.

Bichera — ferida nos animais, cheia de bichos, vermes: animal "abichado". — O mundo está cheio de males, vícios e crimes.

Arrebtado o maneador, outro puava se laça.

Puava — já explicado. — Maneador — idem. — Perdida uma cousa, conquista-se outra igual. Não há por que desanimar.

Jurou, está individado, a Deus não se coteia.

Não pode o homem fugir à palavra dada. A justiça de Deus não o abandonará.

Quem anda em briga, não pensa em moças.

Nas lutas, da sua terra, em que se fazem necessários o vigor e a ação, não deve o gaúcho fraquejar, por causa da mulher, no amor que enerva e amaina o valor.

Caburé diz desgraça quando pia.

Caburé — espécie de môcho. — É a lenda popular, no Brasil, do mau agouro dessa ave.

A onça não mete mêdo senão aos perros.

O valente só intimida os medrosos.

Deus fêz o homem, o pampa gerou o potro, a província desfralda a campanha.

Pampa — Romanguera Corrêa diz que é mais usada no plural. O Visconde de Beaupaire-Rohan o dá como palavra feminina, mas é, comumente, pronunciado como dos dois gêneros. São assim denominadas as vastas e extensas planícies do Rio Grande, Uruguai e Argentina, cobertas de suculentas pastagens verdes, onde vivem o gado vacum e cavalari. Na Argentina, essas planícies eram habitadas pelos índios do mesmo nome. — Potro — já explicado. Campanha — derivado de “campo”, a parte baixa do Estado, entre a serra e o mar, onde floresce a indústria pastoril e onde abundam as “estâncias”, ou fazendas de criação. — Encontram-se reunidos, aí, o homem, o cavalo e a terra, que completam a figura do gaúcho, como tríptico do Rio Grande do Sul.

Com boi chucro, laço e bolas nêle e quando refuga faca no sangradouro.

Chucro — já registrado. — Laço — idem. — Bolas — idem. — Sangra-

douro — lugar ao lado direito do peito da rês, onde se introduz a faca para matar ou sangrar. O “assado”, que se tira dessa região, é muito saboreado, por trazer, apegado à carne, que é, em geral gorda, muito sangue coagulado. — O homem mau, que se mostra incorrigível, deve ser eliminado.

Não paga a pena um raio para acabar com uma árvore sêca.

É inútil dispendir uma energia, que poderá ser melhor aplicada, para se desfazer alguém de uma cousa inútil. Inútil também uma reação viril para combater um homem sem valor.

Um guasca não deixa que lhe atirem lama na cara, apara-a com a faca.

Guasca — É interessante transcrever o que, sobre êsse vocábulo, diz Romanguera Corrêa. A acepção genuína é de tira ou corda de couro, mas também se aplica ao rio-grandense, principalmente, da campanha. Os habitantes do nosso Estado, ao se dedicarem à indústria pastoril, usavam, em seus trabalhos, de cordas de couro (guasca). Por isso, os seus irmãos do Norte lhes dão essa denominação, bem como os habitantes da cidade aos da campanha. Os nortistas deram-lhes essa denominação e êles a aceitaram, generalizando-a. — No Chile e outros países da América Espanhola tem o camponês o nome de “huása”, que se transformou no nosso “guasca”. É o conselho para se repelir, à altura, a agressão sofrida.

São como animais que ainda não servent para a marcação.

Marcação — ato de marcar. Época e lugar em que se a pratica. Foi, noutros tempos, um motivo de festa, nas estâncias. O ato, em si, consiste em aplicar no corpo do animal um ferro em brasa que marca, para sempre, o animal. No Norte, diz-se ferrar, isto é, aplicar o ferro quente. Em tais divertimentos, tomavam parte, em camaradagem, mulheres, crianças, criados,

peões, vizinhos, etc. — Refere-se aos indivíduos que ainda não chegaram à idade de serem aproveitados para as lides.

Andavam atrás de carniça, como caranchos e chimarrões

Carniça — já registrado. — Caranchos — idem. Chimarrões — idem. Descreve a ânsia dos que perseguem um objetivo moral ou material.

Mesmo quando o cavalo é matungo, eu gosto de apertar-lhe a cabeçada de guasca.

Matungo — já explicado. — Cabeçada — peça de metal ou couro (no caso, de couro, de guasca) que, presa às argolas do freio, segura êste na boca do cavalo, passando por trás da orelha. — Não se deve facilitar com nenhum homem. Prevenir-se, isso sim, das surpresas. “Confiar desconfiando...”

É soprar como na cinza da queimada, que há de aparecer o fogo.

Refere-se ao valor de um povo que se conserva sempre vivo, mesmo debaixo da maior calma aparente. Para despertá-lo, basta insistir na provocação.

Enquanto não fôr carvão de todo, hei de ser brasa.

Enquanto se tem um vislumbre de vida, não se deve desanimar, ceder, mesmo que se o faça com menos fulgor.

A mulher é como cobra que amarra o sapo com os olhos.

Põe em evidência o poder sedutor da mulher, em relação ao homem, que ela subjuga com os olhos.

Quando o cavalo arreventou o maneador, é o mesmo, laça-se o mesmo maneador.

Maneador — peça de couro em que se prendem as mãos do cavalo. — É uma variante do que diz “Não faltam moças” a um apaixonado que perdeu o seu bem.

Numa barrigada de leitões sai um “mingüê”.

Mingüê — provavelmente derivado de “minguado”; enfezado, pequenino. — Numa família de muitos filhos, sempre aparece um imprestável.

De gente pobre até o rastro é triste...

Ao desventurado tudo vai mal.

Soldado que não briga arrisca-se a ficar macêta.

Macêta — animal que tem inchaços e aleijões ou protuberâncias nas mãos ou patas, caminhando com dificuldade. — Refere-se aos cavalos e muares e é oriundo das Repúblicas Platinas. Ao homem, na guerra, convém a ação, sob pena de se deixar dominar, pela inércia e perder a razão de ser da sua vida.

Um taruna pode sempre encontrar outro taruna.

Taruna — o mesmo que “torena”, indivíduo valente, ousado e de má condição. — Quer dizer que sempre há um valente para outro valente.

Não há valente enquanto as mulheres tiverem filhos.

Um homem, como se vê no anterior, está sempre na iminência de encontrar quem o enfrente. Salvo se se estancassem as fontes da espécie humana...

Al cabo mi perro cazó una mosca.

Adágio de expressão castelhana. Foi-nos fornecido por influente chefe político, na fronteira sul, o deputado Ascânio Tubino, que informou ser muito usado ali. — Refere-se a quem, depois de longa espera, consegue algum resultado de sua espera.

Quando estiveres pra embrabecer, conta três vêzes os botões da tua roupa.

Refere-se ao freio moral com que devemos reprimir os nossos ímpetos, para evitar desgraças.

Cavalo de campo não bebe água de balde.

É uma variante do adágio “cavalo de campo não come pasto cortado”, já registrado e se aplica ao mesmo caso, isto é, quando alguém, pela sua rusticidade social, não está em condições de compreender qualquer ato de valia ou mesmo executá-lo.

Vaca de rodeio não tem touro certo.

Rodeio — já registrado. — Contou-nos, a propósito de adágios gaúchos, o senhor Dr. Getúlio Vargas, presidente da República, o seguinte episódio: — Advogado na cidade fronteira de S. Borja, teve ensejo de acompanhar um processo de investigação de paternidade, sendo arrolada, entre outras testemunhas, um velho índio, muito conhecedor dos trabalhos campestres. Indagando o juiz se conhecia a mãe do suposto filho, disse que sim, mas quanto ao pai, respondeu: — “Isso lá, garantir não posso... vaca de rodeio não tem touro certo...” Refere-se, portanto, à mulher que é de muitos...

Isto é corrida que se corre sem bochinche.

Bochinche — conflito, perturbação da ordem. — Significa, também, baile de gentalha. Lemos êsse adágio numa declaração feita à imprensa, em Pôrto

Alegre, pelo Dr. Osvaldo Aranha, em 1936, ao lhe ser perguntado qual a sua impressão sobre o futuro pleito presidencial da República. Queria o embaixador dizer que a sucessão se faria sem maiores contratempos, dentro da ordem, como uma corrida sem brigas, o que é raro...

Quando falares com homem, olha-lhe para os olhos; quando falares com mulher, olha-lhe para a bôca... E saberás como te haver.

A distância que separa o leitor do autor não lhe dá, nem a um nem a outro, o ensejo de seguir o conselho do adágio anônimo... — Por isso, preferimos pingar, aqui, ponto final, nesta simples coleção de adágios.

Nota final

As obras, que nos forneceram as significações dos vocábulos regionais, foram, principalmente, as dos saudosos literatos rio-grandenses, já citados, Dr. J. Romanguera Corrêa e Roque Callage.

Reconhecendo a imperfeição do nosso trabalho — simples homenagem ao Rio Grande do Sul — declaramos aceitar, de bom grado, qualquer retificação ou emenda que o leitor entender formular a respeito desta obra.

